

---

## **Rádio Universitário: em busca do interesse público na programação<sup>1</sup>**

Helton Lucinda Ribeiro<sup>2</sup>  
Universidade Estadual Paulista (UNESP), Bauru, SP

### **Resumo**

Emissoras universitárias como a Rádio USP e a Unesp FM se proclamam como rádios públicas. Para além da mera vinculação a universidades públicas, é preciso verificar até que ponto tais emissoras atendem ao interesse público em sua programação. A partir de uma problematização prévia da própria noção de interesse público, analisa-se aqui a programação e as páginas na internet das duas emissoras. Observam-se, preliminarmente, três carências: de participação da sociedade, de projeto definido para orientar a programação e de exploração das novas TICs para ampliar a interação com o público.

**Palavras-chave:** rádio universitário; rádio público; interesse público

### **Introdução**

“Rádio USP, emissora *pública, cultural e educativa*”, proclama o slogan da emissora da Universidade de São Paulo, evocando três características presentes de forma geral na radiodifusão universitária brasileira. Do ponto de vista legal, as FMs universitárias são educativas, pois é nessa modalidade que recebem a outorga para transmissão. Caracterizam-se como culturais pela importância dada à cultura brasileira em suas manifestações musicais, nos mais variados gêneros, mas com ênfase na MPB. E, segundo Zuculoto (2012), a maioria das emissoras universitárias se autoproclama, hoje, públicas. É nesta última característica que este trabalho se concentra, tomando por base a programação de duas emissoras paulistas, a própria Rádio USP e a Unesp FM.

Partir do princípio de que a radiodifusão pública seja aquela promovida por instituições públicas, além de tautológico, teria pouca utilidade cognitiva. Embora meu objeto de estudo sejam emissoras vinculadas a instituições públicas de ensino, não me limito à mera dicotomia público/privado ou público/estatal. Entendo, como Zuculoto (2012), que a chave para a compreensão da radiodifusão pública é o atendimento ao interesse público.

Dessa forma, proponho inicialmente uma reflexão sobre a noção de interesse público, que não é autoevidente, tampouco isenta de controvérsias. Munido de uma

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual, GP – Rádio e Mídia Sonora, do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Joinville - SC – 2 a 8/09/2018.

<sup>2</sup> Mestre em Comunicação Midiática pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) da Universidade Estadual Paulista (Unesp), e-mail: heltonlucinda@hotmail.com

---

ideia mais bem delineada de interesse público, analisarei a programação da Rádio USP e a da Unesp FM. Em seguida, verificarei, a partir das páginas na internet das emissoras, como elas se adaptam às novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), tendo em vista “as possibilidades de um processo dialógico mediado pela tecnologia” (LIMA, 2012, p. 53). Ao final, espero oferecer contribuições para uma agenda de pesquisa atualizada sobre o rádio universitário no Brasil.

### **Revisando a noção de “interesse público”**

Para Rothberg (2011, p. 7), “o significado de interesse público ainda reivindica contínuas batalhas para ser esclarecido” em nações como o Brasil. O tema seria obscurecido especialmente por nossa herança patrimonialista e clientelista e seu caldo cultural perpetuador de confusões entre público e privado. O exemplo do sistema comercial de radiodifusão já é suficientemente ilustrativo: explora uma concessão pública sem oferecer, na prática, contrapartida à sociedade, muitas vezes defendendo interesses particulares em detrimento do bem comum. Nesse contexto, definir interesse público é um desafio e uma necessidade.

Pesquisas na área de Comunicação Pública têm chamado a atenção para a concepção proveniente do Direito. O jurista Celso Antônio Bandeira de Mello observa que “o interesse público é o *interesse do todo, do próprio conjunto social*, o que não se confunde com a ideia de soma de interesses individuais” ou que “o interesse público é a dimensão pública dos interesses individuais” (apud KOÇOUSKI, 2013, p. 51, grifos no original).

Do ponto de vista da ciência política, entretanto, o “interesse público” não é algo dado, que possa se fazer presente pelo simples fato de constar nos estatutos das emissoras públicas. O tema adquire especial controvérsia entre os autores de inspiração marxista, uma vez que, para Marx, a classe dominante apresenta seu interesse como interesse comum de toda a sociedade, e, mais que isso, apresenta suas ideias “como sendo as únicas racionais, as únicas universalmente válidas” (MARX, 1999, p. 74). Assim, o interesse público – tomado como interesse geral ou comum – nada mais seria do que o interesse da classe dominante.

Para Rothberg, a noção moderna de interesse público está associada às necessidades coletivas, acima, portanto, do interesse individual. Sua definição, nessa perspectiva, é de que o “interesse público é o interesse no desenvolvimento de uma

---

sociedade nacional como um todo, na forma de distribuição generalizada de bem-estar” (2011, p. 198). Bresser-Pereira (2004, p. 137), em análise sobre o Estado republicano, admite que o interesse público nem sempre será evidente, tendo em vista os conflitos de interesses, mas defende a governança democrática como “o processo principal através do qual os modernos sistemas de governo definem, para cada questão, qual é o interesse público”.

Zuculoto toma como referência a noção de interesse público de Wilson Gomes, associada ao “conjunto dos interesses de cidadania”, de forma que “servir ao interesse público significa oferecer à esfera civil a possibilidade de se ver representada e satisfeita nos procedimentos regulares da esfera política” (2012, p. 53). A própria ideia de cidadania, contudo, precisa ser problematizada. O conceito consagrado na obra de T.H. Marshall, “Cidadania, classe social e status”, vincula a cidadania aos direitos civis, políticos e sociais, tendo como cidadão pleno “aquele que fosse titular dos três direitos” (CARVALHO, 2003, p. 9). É difícil considerar que a cidadania plena seja exercida pela totalidade ou sequer pela maioria da população de um país marcado por tão profundas desigualdades sociais.

José Murilo de Carvalho, autor de ensaio influente sobre o tema da cidadania, chega a afirmar que existem cidadãos de primeira, de segunda e de terceira classe no Brasil, estes últimos desprovidos não só de direitos sociais, mas também dos direitos civis, pois seu acesso à Justiça é restringido por sua condição social, restando a eles apenas o rigor da lei e não seus benefícios. Além disso, para Carvalho, a ausência de uma população educada, conhecedora dos próprios direitos, tem sido “um dos principais obstáculos à construção da cidadania civil e política” (2003, p. 11). O autor conclui que, “se há algo importante a fazer em termos de consolidação democrática, é reforçar a organização da sociedade para dar embasamento social ao político, isto é, para democratizar o poder” (2003, p. 227).

No âmbito deste trabalho, pode-se afirmar que interesse público não se confunde com “interesse do público”, aquele aferido pelas pesquisas de audiência e já atendido pelas emissoras comerciais de rádio. E, na medida em que é atendido pelo sistema comercial, pode-se associá-lo a um “interesse de consumidor”. O interesse público estaria mais vinculado a um “interesse de cidadão”. E dessa forma, chegamos à dicotomia consumidor/cidadão, tal como exposta por Hirschman (1983), que expressa uma possível escolha entre a dedicação a atividades privadas e a participação na vida

---

pública<sup>3</sup>. Quando a dedicação às atividades privadas prevalece e a participação social se restringe à esfera do mercado – cara ao pensamento liberal – “o cidadão se torna cada vez mais um consumidor, afastado de preocupações com a política e com os problemas coletivos” (CARVALHO, 2003, p. 226).

Do que foi exposto acima, conclui-se, preliminarmente, que o interesse público não está dado de antemão, nem pode ser estabelecido de “cima para baixo” por autoridade de qualquer natureza, nem está livre de contradições e disputas. Para não ser uma noção vazia de significado, requer aprendizado político e engajamento cívico, de modo que a própria sociedade, esclarecida sobre seus direitos de cidadania, defina, para cada problema ou circunstância, o interesse coletivo a ser atendido. Nessa perspectiva, as rádios públicas deveriam ser capazes de oferecer às comunidades onde estão inseridas canais de participação voltados a estabelecer o interesse público.

### **Análise da programação da Rádio USP e da Unesp FM**

Em seu estudo sobre a programação das rádios públicas brasileiras, Zuculoto concluiu que “a definição de rádio público no Brasil permanece aberta” (2012, p. 239) e que as emissoras “ainda não colocaram em prática a maior parte de sua disposição de construir uma programação realmente de rádio público” (2012, p. 238). Para a autora, “a programação é um dos lugares privilegiados onde se pode melhor detectar e analisar funções, papéis que estas emissoras têm cumprido, lógicas e diretrizes que vêm adotando, enfim, perfis que estão construindo” (2012, p. 39).

Neste artigo, apresento uma contribuição ao debate sobre as concepções de rádio universitário a partir da comparação entre as grades de programação da Unesp FM, localizada em Bauru/SP, e da Rádio USP, localizada na capital paulista, duas emissoras não incluídas no estudo de Zuculoto. A Rádio USP (93,7 Mhz) foi inaugurada em 11 de outubro de 1977 e, desde o início, adotou uma linha cultural, jamais incluindo cursos, no sentido estrito<sup>4</sup>, em sua programação. A emissora surge como resultado de um projeto de rádio-laboratório da Escola de Comunicação e Artes da USP. Segundo

---

<sup>3</sup> O autor observou, em seu ensaio sobre o tema, a alternância cíclica entre dedicação à vida privada e dedicação à esfera pública, determinada principalmente pelo fator “decepção”. Ou seja, o consumidor-cidadão frustrado na vida privada, busca alguma satisfação ao se dedicar a questões públicas; ao se frustrar na vida pública, concentra-se novamente em seus assuntos privados, e assim sucessivamente.

<sup>4</sup> Segundo José Manuel de Macedo Costa (Revista Brasileira De Teleducação, n. 4. Porto Alegre: Associação Brasileira de Teleducação, 1974.), a programação educativa no sentido estrito assume um caráter de ensino formal, sendo a recepção organizada, como em sala de aula, e imprescindível um mecanismo de avaliação.

Lígia Trigo, ex-diretora da rádio (apud DIAS, 1993, p. 56), “o projeto não vingou e optou-se pelo pedido de concessão de rádio educativa, que teria então como finalidade criar um veículo de comunicação da universidade com a sociedade, em particular a sociedade de São Paulo”. A Unesp FM (105,7 Mhz) é mais jovem que a emissora da USP. Foi criada em 13 de maio de 1991 e, no início, transmitia programas educativos, mas logo passou a trilhar caminho semelhante ao da Rádio USP (DIAS, 1993).

As emissoras universitárias paulistas buscaram construir uma concepção própria de rádio educativo, que deixa de lado a educação formal, tal como praticada em iniciativas como o MEB (Movimento Educação de Base) e o Projeto Minerva. Tanto na Rádio USP quanto na Unesp FM, predomina a seleção musical, com presença destacada da MPB, enquanto as emissoras comerciais exploram gêneros de maior apelo junto à audiência, como o sertanejo. Além da MPB, as rádios da Unesp e da USP reservam espaço significativo na programação para gêneros como música clássica e jazz.

Tabela 1 – Programação da Unesp FM							
Hora	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
00:00	Perfil Literário					Música Ligeira	Louge Unesp
00:10	Lounge Unesp						
01:00	Canta Brasil	Estação Blues	Música Interior	A Música no Tempo	Pé na Estrada	Jazz in Concert	Música Ligeira
02:00	Madrugada Brasileira						
03:00							
04:00	Musical 105						
05:00						Caíndo no Choro	Rádio Saudade
06:00	Vida Caipira					Clássicos Unesp	Rádio Saudade
07:00	Musical 105					A Música no Tempo	Os Grandes Mestres
07:45	Cidade Universitária						
08:00	Manhã Popular Brasileira					Manhã Popular Brasileira	Unespinha
09:00	Colunistas						
10:00	Manhã Popular Brasileira						
11:00	Jornalismo Unesp FM					Observatório do Esporte	Caíndo no Choro
11:20							
12:00	Conjuntos e Orquestras					Batuque na Cozinha	
13:00	Pé na Estrada	Brasil Instrumental	Caíndo no Choro	Canta Brasil	Estação Blues	Rádio Saudade	Balanço Brasil
14:00	Musical Unesp					Sintonia Fina	
15:00	Colunistas						
16:00	Musical Unesp						
17:00	Fim de Tarde					Brasil Instrumental	
18:00							Fim de Tarde
19:00	A Voz do Brasil					Musical 105	
20:00	FM Especial					Música Ligeira	Jazz in Concert
21:00	Rádio Saudade	Pé na Estrada	Canta Brasil	Brasil Instrumental	Esse tal de Rock 'N Roll		
22:00	Os Grandes Mestres	Clássicos Unesp	Jazz in Concert	Estação Blues	Música Ligeira	Estação Blues	
23:00		A Música no Tempo		Música Interior		Esse tal de Rock 'N Roll	Música Interior

Elaboração do autor, 2018.

<b>Tabela 2 – Programação da Rádio USP (segunda a sexta)</b>						
Hora	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	
00:00	Vira e Mexe	Olhar Brasileiro	Rádio Matraca	O Sul em Cima	Sons do Brasil	
01:00	Biblioteca Sonora	Via Sampa Estúdio	Interação	Via Sampa	Interação	
02:00	Diálogos na USP	Diversidade em Ciência	Rock Brazuca	Pesquisa Brasil	Brasil Latino	
02:30					Olhar da Cidadania	
03:00	Madrugada USP					
06:00	Memória Musical					
07:30	Jornal da USP					
08:00	Ouvir Imagens, Giselle Beiguelman	A Qualidade da Democracia, José A. Moisés	Globalização e Cidadania, Pedro Dallari	Sustentáculo, José Eli da Veiga	Energia, José Goldemberg	
08:30	Iconomia, Gilson Schwartz	Diplomacia e Interesse Nacional, Rubens Barbosa	Ética e Política, Renato Janine Ribeiro	Cidade para Todos, Raquel Rolnik	Datacracia, Luli Radfahrer	
09:00	Horizontes do Jornalismo, Carlos Eduardo L. da Silva	Minuto do Cérebro, Octávio Pontes Neto	Reflexão Econômica, Luciano Nakabashi	Poder e Contrapoder, André Singer	Bibliomania, Marisa Midori	
09:30	Saúde e Meio Ambiente, Paulo Saldiva	Diversidades, Alexino Ferreira	Na Cultura, o Centro Está em Toda Parte, M. Grossmann	Espaço em Obra, Guilherme Wisnik	Entender Estrelas - João Steiner	
09:35	Manhã na USP – Destaque para a Nova MPB					
10:00	Corpo e Movimento, José Carlos Farah	Doutor Bartô e os Doutores da Alegria, João Paulo Lotufo	Fique de Olho, Eduardo Rocha	Saúde Feminina, Alexandre Faisal	Ciência e Esporte, Paulo Santiago	
10:20	Por Dentro da Música		Por Dentro da Música		Por Dentro da Música	
10:40	Pílula Farmacêutica	Em Dia com o Direito	Pílula Farmacêutica	Em Dia com o Direito	CD do Mês	
10:50	Observatório da Inovação, Glauco Arbix	Um Olhar sobre o Mundo, Alberto do Amaral	Decodificando o DNA, Mayana Zatz	Ciência e Cientistas, Paulo Nussenzweig	Conflito e Diálogo, Marília Fiorillo	
11:00	Jornalismo Rádio USP					
11:10	CD do Mês					Diálogos na USP
11:20						
11:55	O Samba e suas Histórias					
12:00	Via Sampa – Estúdio					
13:00	Diversidade em Ciência	Saúde sem Complicações	Ambiente é o Meio	Abrace uma Carreira	Pesquisa Brasil	
13:30		Som da USP				
14:00	Jornalismo Rádio USP					
14:10	Som da USP					
14:30	Anatomia Responde	É bom Saber	É bom Saber	Anatomia Responde		
15:00	Jornalismo Rádio USP					
15:30	Por Dentro da Música		Por Dentro da Música		Por Dentro da Música	
16:00	Jornalismo – Rádio USP					
16:05	Interação					
16:55	USP em atividade – Giro de Notícias					
17:00	Brasil Latino	Biblioteca Sonora	Olhar da Cidadania	Revoredo	Playlist do Zuzá	
17:30	Som da USP		Som da USP			
18:00	Mitologia					
	Som da USP					
18:20	CD do Mês					
18:45	De Papo pro Ar					
19:00	A Voz do Brasil					
20:00	Som da USP					
20:40	Por Dentro da Música		Por Dentro da Música		Por Dentro da Música	
21:00		Autoral Brasil	USP Analisa	Lado Z	USP Especiais	
21:30		Revelando África	Som da USP			
22:00	Por Dentro da Música		Por Dentro da Música		Por Dentro da Música	
23:00						

Fonte: Grade de Programação da Rádio USP, 2018 (editada pelo autor).

<b>Tabela 3 – Programação da Rádio USP (domingo)</b>		
<b>Hora</b>	<b>Sábado</b>	<b>Domingo</b>
00:00	O Samba Pede Passagem	
02:00	Abrace uma Carreira	Revredo
03:00	Madrugada USP	
06:00	O Som da USP	
08:00	Revredo	Diálogos na USP
08:55	Você Sabia?	
09:00	Manhã com Bach	
10:00	Playlist do Zuza	Olhar Brasileiro
11:00	Vira e Mexe	Universidade 93,77
11:30		USP analisa
12:00	O Samba Pede Passagem	
14:00	Diversidade em Ciência	Sons do Brasil
15:00	Rock Brazuca	O Sul em Cima
15:55	Você sabia?	
16:00	Biblioteca Sonora	Abrace uma Carreira
17:00	Rádio Matraca	Saúde sem Complicações
17:30		Ambiente é o Meio
18:00	Pesquisa Brasil	Outra Frequência
19:00	Som da USP	Som da USP
20:00	USP Especiais	
21:00	Lado Z	
22:00	Autoral Brasil	
22:30	Revelando África	
23:00	Som da USP	

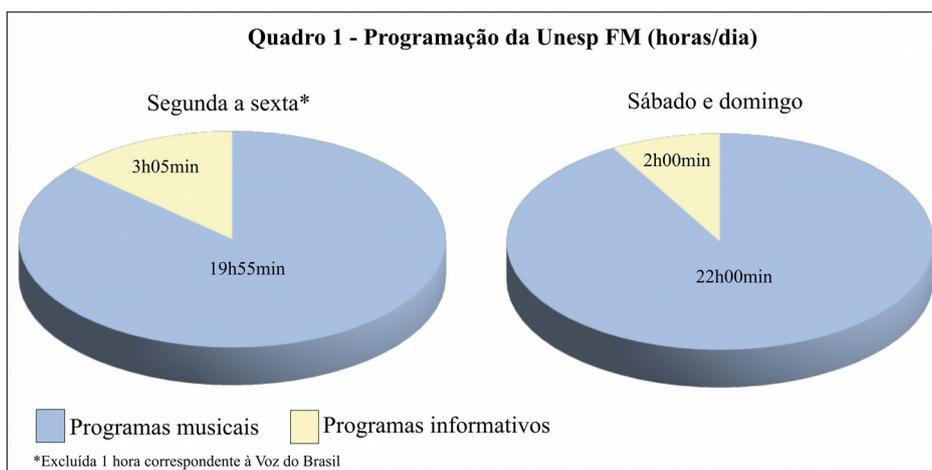
Fonte: Grade de Programação da Rádio USP, 2018 (editada pelo autor).

A seleção musical predomina na grade diurna de segunda a sexta das duas emissoras, embora com presença maior de conteúdo informativo na Rádio USP (nas Tabelas 1 e 2, a programação musical está identificada com a cor azul e a programação informativa, com a cor amarela). O jornalismo se concentra no período da manhã. Embora as grades sejam parecidas, a da Rádio USP é mais permeada por programas curtos distribuídos ao longo dos horários de seleção musical. Há maior participação de professores e pesquisadores na apresentação de programas ou como colunistas na emissora da capital. Nos finais de semana (Tabelas 1 e 3), ocorre maior segmentação nas duas emissoras, com horários reservados a gêneros específicos (samba, rock, regional, etc.).

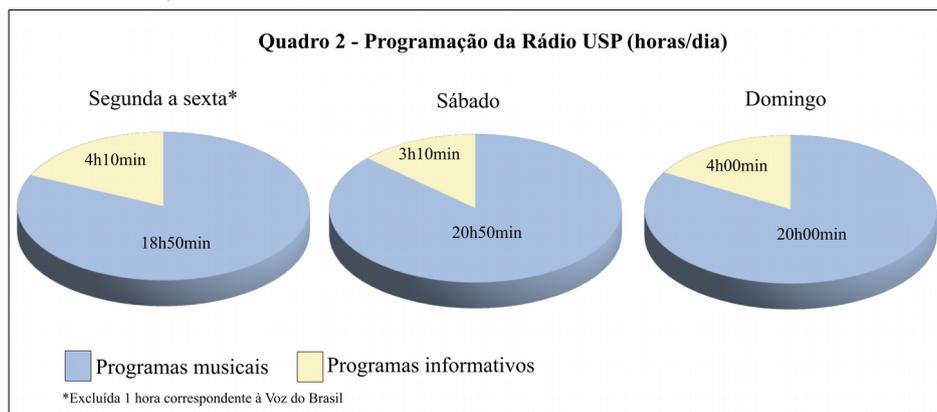
Aparentemente, a Rádio USP também dispõe de melhores condições técnicas para produção de conteúdo jornalístico, já que oferece reportagens e entrevistas produzidas por equipe própria, enquanto a Unesp FM parece mais dependente de material produzido pelas assessorias de imprensa e agências de notícia. O Jornal da USP ocupa uma faixa de duas horas no período da manhã, das 7:30 às 9:30 (permeado por programas de colunistas), de segunda a sexta, e o jornalismo comparece em blocos

curtos, de 5 a 10 minutos, ao longo da programação vespertina. Já o Jornalismo Unesp FM tem menor duração, 40 minutos, das 11:20 às 12 horas, de segunda a sexta.

Nos Quadros 1 e 2, pode-se comparar a quantidade de horas diárias destinadas à programação musical e à programação informativa nas duas emissoras. A Rádio USP reserva, aproximadamente, uma hora a mais por dia que a Unesp FM para conteúdo jornalístico/informativo (duas horas a mais no domingo). Mas a programação musical ocupa a maior quantidade de horas nas grades das duas emissoras.



Fonte: elaboração do autor, 2018.



Fonte: elaboração do autor, 2018.

Feita essa caracterização sumária da programação das duas emissoras, questiono: em que medida a Rádio USP e a Unesp FM atendem ao interesse público ao adotarem uma programação predominantemente musical? É fato que elas cumprem um papel nada desprezível ao veicular gêneros musicais que não encontram espaço no sistema comercial de radiodifusão. Citemos um exemplo da Rádio USP: em 29 de junho de 2018, no programa Som da USP, foi veiculada, às 15:23, a música Cantigas de Encantaria, do coletivo Ponto Br, que reúne artistas dedicados à cultura popular

---

brasileira. Ao final, o locutor afirma: “Onde você vai ouvir músicas como esta? Dificilmente na rádio comercial.” Pouco depois, às 15:40, o locutor anunciou que um ouvinte identificado como Jorge telefonou para a emissora para parabenizá-la por veicular a música e para explicar que se tratava de um gênero típico da região do Recôncavo Baiano. É inegável, portanto, o papel de preservação e divulgação dos mais variados gêneros da cultura popular.

Além disso, de acordo com Starling (2011, p. 367), a moderna canção popular urbana – predominante na programação das duas emissoras – é um dos meios pelos quais “o país logrou alcançar certo conhecimento de si”, constituindo-se um modo de “pensar o Brasil”. A canção popular tem “vocação para o diálogo público” e, assim, produziu “uma forma peculiar de narrativa sobre as condi es de gesta o, expressão e consolida o do mundo público, e de certa no o do sentido do público e do comum entre nós” (2011, p. 371). Ainda assim, Starling se refere a uma “amplia o da esfera pública” essencialmente mediada pelos compositores e intérpretes da MPB e não   no o de interesse público pautada pelo engajamento cívico, como vimos neste artigo.

Não que uma programa o musical não possa atender ao interesse público. A questão que enfatizo neste trabalho  : quem define o que   interesse público? As rádios possuem um projeto claro a respeito?

No caso da Unesp FM, minha própria pesquisa (RIBEIRO, 2003) e o estudo mais recente de Diniz e Maciel (2014) revelam a ausência de projeto. O que se percebia, então,   que produtores e programadores pareciam fazer escolhas um tanto quanto intuitivas, a partir do que cada um considerava ser uma rádio universitária. Eles consideravam a Unesp FM mais cultural do que educativa, por associarem uma programa o educativa a cursos propriamente ditos, com uma linguagem própria e caráter didático e sequencial. Enquanto isso, a programa o musical da Unesp FM era definida como cultural por promover o “enriquecimento da sensibilidade” e a valoriza o de uma cultura nacional e regional. Para eles, por fim, a rádio universitária tinha a fun o de estender ao público o conhecimento produzido na universidade (RIBEIRO, 2003).

Mas a quem o rádio universitário está levando esse conhecimento? Há poucos dados atuais disponíveis a respeito da audiência dessas emissoras. No caso da Rádio USP, pode-se apontar o ranking trimestral divulgado pelo IBOPE, em que ela figurava na 49  pos o entre 50 emissoras da Grande São Paulo no período agosto/setembro de

---

2017 (CHENI, 2017). Em minha pesquisa sobre a Unesp FM concluída em 2003 (RIBEIRO, 2003), constatei também baixos índices, embora com dados mais qualificados, que apontavam melhor inserção da emissora entre o público universitário e de alta escolaridade. O dilema entre o papel educativo e a baixa audiência não escapava aos produtores e programadores:

Vou falar dos programas que eu produzo (...) que são de música clássica. Quem gosta são pessoas de classes privilegiadas. (...) Mas eu acredito que o nosso forte mesmo é classe A e B, que são formadores de opinião. (...) Precisa mais programa educativo. Não tem programa tipo escola. (...) Mas se nosso público é A e B, pra que fazer isso? (RIBEIRO, 2003, p. 107).

Chegamos aqui, portanto, ao problema do elitismo, um dos pressupostos iniciais da minha pesquisa concluída em 2003. A resposta ao elitismo seria adotar uma programação mais popular? Há que se reconhecer que as emissoras estudadas se diferenciam, hoje, de uma radiodifusão educativa que privilegiava, no passado, a música erudita (ZUCULOTO, 2012). Mas ainda buscam oferecer estilos musicais geralmente ausentes nas emissoras comerciais. A Rádio USP proclama, em uma de suas vinhetas, tocar “música de qualidade” – assim como o fazem outras rádios universitárias, por mais que não se tenha uma definição clara, no caso, do que seja música “de qualidade” (ZUCULOTO, 2012, p. 217).

Como demonstrado neste trabalho, Rádio USP e Unesp FM reservam fatia maior de sua programação à MPB. Contudo, a sigla abriga uma grande diversidade de manifestações artísticas, algumas mais conhecidas do grande público, outras de expressão local e regional, e dialoga com os mais variados gêneros: samba, bossa-nova, chorinho, sertanejo, carimbó, maracatu, baião, etc. Embora integre a indústria cultural, “não se enquadra no segmento mais comercializado da produção fonográfica, permanecendo, em muitos casos, marginalizada em relação aos meios de comunicação de massa” (RIBEIRO, 2003, p. 71).

Ou seja, apesar de conter a palavra “popular” em seu nome, a MPB atinge um público restrito. Não por acaso, a questão do elitismo ainda preocupa pesquisadores, como Signates, para quem “não há sentido público, se a emissora educativa se torna elitista, isto é, se estabelece a partir de elementos culturais que excluam a preferência ou o gosto popular, inclusive os que geram enormes audiências nas rádios comerciais”

---

(apud ZUCULOTO, 2012, p. 171); e a própria Zuculoto, segundo a qual, as emissoras “prosseguem transmitindo programas elitistas, no sentido de excluírem as audiências populares, e mantendo ainda reduzidos seus conceitos do que é cultural e educativo” (2012, p. 237).

### **Novas tecnologias, possibilidades de democratização**

As limitações impostas ao rádio universitário em sua missão de atender ao interesse público não significam que ele esteja encurralado. Transformações recentes na radiodifusão, especialmente com a convergência entre o rádio, novas tecnologias e redes sociais, trazem outros desafios e oportunidades. O pesquisador Venício A. Lima mostra-se otimista com relação às possibilidades de democratização da comunicação por meio da nova mídia constituída pelas TICs, “que, apesar de suas limitações, pode oferecer àqueles que a ela têm acesso uma pluralidade e uma diversidade de informações e pontos de vista que a mídia, com seu discurso homogêneo, não oferece” (2012, p. 12).

Há emissoras atuando hoje apenas como *webrádios*, independentes, portanto, do sistema oficial de outorgas de FM. Com o surgimento dos serviços de *streaming* e do *podcasting*, o público pode ouvir seus programas preferidos no telefone celular, com total flexibilidade de horário, podendo “pausar” ou repetir trechos conforme a necessidade e conveniência. Diante dessas mudanças tecnológicas e do novo perfil de “consumo” de informação sonora, o mero oferecimento de uma seleção musical parece pouco apropriado a conquistar a atenção de um público, especialmente o jovem, que pode criar a sua própria *playlist* no celular.

As novas tecnologias possibilitam uma alteração na relação entre emissor e receptor, na forma de uma hipersegmentação da audiência (FERRARETTO, 2010, p. 548). Kischinhevsky e Campos trabalham ainda com o conceito de rádio social, em que as novas mídias oferecem “não apenas um espaço de distribuição e de consumo de conteúdos sonoros, mas também de negociação de identidades, de representação social e cultural” (KISCHINHEVSKY, CAMPOS, 2015, p. 209). Isso não significa, porém, uma redução das mediações, mas o surgimento de novos intermediários em um processo de forte concentração econômica, já que emissoras locais que operam em ondas hertzianas podem vir a ser substituídas por corporações internacionais detentoras de serviços de *streaming* como Deezer, Spotify e SoundCloud (KISCHINHEVSKY, CAMPOS, 2015).

---

As emissoras universitárias estão acompanhando essas transformações? A Unesp FM pouco avançou nos últimos 15 anos, desde minha própria pesquisa (RIBEIRO, 2003), no que diz respeito ao aproveitamento do potencial oferecido pelas novas mídias sociais, como constatou, mais recentemente, Versuti (2015). O site na internet ainda se limita a reproduzir a programação normal da emissora, com poucas opções de áudio *on demand*. Há dois formulários online no site: um específico para solicitação de músicas e outro para contato de forma geral. Há dois números de telefone, um geral e outro para contato dos ouvintes. Não há links para mídias sociais, nem endereço de e-mail.

Já o site da Rádio USP está hospedado no site do Jornal da USP e funciona basicamente como um *player* para a programação em tempo real. Na página do Jornal da USP há links para alguns programas, a maioria deles informativos. As opções de contato disponíveis são formulário online e telefone, sem links para mídias sociais, a não ser da própria universidade (a rádio possui página própria no Facebook<sup>5</sup>, mas desatualizada). Um e-mail voltado aos ouvintes também é divulgado ao longo da programação. Digna de nota, no entanto, foi a tecnologia adotada para estabelecer vínculo via internet, dispensando o sinal via satélite, com sua emissora afiliada em Ribeirão Preto (Rádio USP Ribeirão, 107,9 Mhz), que veicula programação local no período entre 8 e 12 horas e se integra à grade da matriz nos demais horários.

Evidentemente, as novas TICs não constituem, por si sós, solução para a questão do atendimento ao interesse público na programação das emissoras, que passa pela democratização da gestão (ZUCULOTO, 2012, p. 233). Mas são ferramentas capazes de abrir canais de interação entre as emissoras e os ouvintes, sem os quais a comunicação comprometida com a cidadania tampouco se efetiva, como constatou Oliveira (2012, p. 294) em seu estudo sobre a Unesp FM:

Possibilitar tal abertura é premissa fundamental para rádio, pois sem o diálogo com o ouvinte os esforços na construção da cidadania são esvaziados, já que os mesmos convidados ao protagonismo, não conseguem ser ouvidos nem mesmo na própria emissora.

---

<sup>5</sup> Um grupo de ouvintes também mantém página no Facebook, com 1.270 membros, o que pode ser uma iniciativa interessante de compartilhamento de experiências e opiniões sobre a emissora. Para este trabalho, entretanto, não foi possível aprofundar o tema da organização dos ouvintes em comunidade virtual. Ver: <<https://www.facebook.com/groups/ouvintesdauspfm/>> Acesso em 9 jul. 2018.

---

## Considerações finais

Caracterizado pela diversidade de experiências, o rádio universitário permanece avesso a abordagens deontológicas. É bom lembrar que não há regulamentação específica para a radiodifusão “universitária” (a outorga se dá como emissora “educativa”) e cada instituição dispõe de relativa autonomia para definir sua programação, sendo vedada apenas a veiculação de anúncios comerciais. Essa imposição legal chega a ser transformada em *slogan*: “Rádio USP, a rádio que não tem publicidade comercial. Aqui, ninguém quer vender nada pra você”. Assim, as emissoras constroem sua própria concepção de rádio universitário, autoproclamando-se, de forma geral, como culturais e públicas.

Mas a autoproclamação não basta. A priori, é impossível dizer se uma programação predominantemente musical, como a das emissoras estudadas neste artigo, atende ao interesse público. Para que possam cumprir sua missão como rádios públicas, as emissoras universitárias devem, em sua programação, “traduzir as necessidades da população e estimular o exercício cidadão do seu público” (ZUCULOTO, 2012, p. 234).

A análise da programação e das páginas na internet da Rádio USP e da Unesp FM, complementada com as informações bibliográficas disponíveis, suscita quatro hipóteses a serem exploradas em pesquisas futuras:

1. Faltam mecanismos de participação e gestão democrática às rádios universitárias para que elas possam, de fato, atuar como emissoras públicas, capazes de atender ao interesse público (em uma concepção de interesse público que leve em conta o engajamento cívico);
2. Faltam projetos bem definidos às emissoras universitárias que lhes permitam atender ao interesse público (hoje, a programação parece ser essencialmente definida por programadores e produtores);
3. Falta às emissoras universitárias explorar as novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) com o objetivo de ampliar a interação com o público e o acesso aos conteúdos produzidos;
4. O elitismo ainda parece ser um problema. Contudo, são necessárias pesquisas capazes de qualificar a audiência das rádios universitárias para verificar o perfil de seu público.

Essa, portanto, é a contribuição que espero ter oferecido ao estudo do rádio universitário no Brasil, ao apontar caminhos que permitam aprofundar a pesquisa sobre

---

o interesse público na programação das emissoras, a partir de estudos de caso e comparativos que permanecem potencialmente frutíferos. Outro aspecto importante, que não foi possível abordar neste trabalho, é o papel do rádio universitário como veículo de extensão acadêmica. Aí também reside importante potencial de atendimento ao interesse público, uma vez vencida a barreira da audiência.

### Referências bibliográficas:

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **O surgimento do Estado republicano**. Lua Nova, São Paulo, n. 62, p. 131-150, 2004. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-64452004000200008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452004000200008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 13 jun 2018.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHENI, Anderson. **Quais são as emissoras de rádio mais ouvidas na Grande São Paulo?** Portal Comunique-se, 2017. Disponível em <<https://portal.comunique-se.com.br/quais-sao-as-emissoras-de-radio-mais-ouvidas-na-grande-sao-paulo/>> Acesso em 23 mar. 2018.

DIAS, C. E. M. **Rádio Educativa: concepções de rádio universitária**. São Paulo, 1993. 122p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.

DINIZ, Thales V. G., MACIEL, Suely. **Unesp FM: Análise da Proposta de Programação a Partir da História e da Missão da Emissora**. Trabalho apresentado no IJ 07 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2014.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Alterações no modelo comunicacional radiofônico: perspectivas de conteúdo em um cenário de convergência tecnológica e multiplicidade da oferta**. In: FERRARETTO, Luiz Artur e KLÖCKNER, Luciano. **E o rádio? Novos horizontes midiáticos**. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

HIRSCHMAN, Albert O. **De consumidor a cidadão: atividade privada e participação na vida pública**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

KISCHINHEVSKY, Marcelo e CAMPOS, Luiza Borges. **Rádio social: novos intermediários da indústria da música**. Revista Novos Olhares - Vol.4 N.1, 2015.

---

KOÇOUSKI, Marina. **Comunicação pública**: construindo um conceito. In: MATOS, Heloiza (org.). Comunicação pública: interlocuções, interlocutores e perspectivas. São Paulo: ECA/USP, 2013.

LIMA, Venício A. **Mídia**: teoria e política. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2012.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Hucitec, 1999.

OLIVEIRA, Aline Meneguini. **Rádio Unesp FM**: uma análise revisitada sobre o processo comunicativo da emissora na busca de maior participação social. In: DEL BIANCO, Nélia R. O rádio brasileiro na era da convergência. São Paulo: INTERCOM, 2012.

STARLING, Heloisa Maria Murgel. **Música Popular Brasileira**: outras conversas sobre os jeitos do Brasil. In: Botelho, André e SCHWARCZ, Lilia Moritz (orgs.). Agenda brasileira: temas de uma sociedade em mudança. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

REVISTA BRASILEIRA DE TELEDUCAÇÃO, n. 4. Porto Alegre: Associação Brasileira de Teleducção, 1974.

RIBEIRO, Helton Lucinda. **Unesp FM e concepções de rádio universitário**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Bauru: Universidade Estadual Paulista Júlio De Mesquita Filho, 2003.

ROTHBERG, Danilo. **Jornalismo público**: informação, cidadania e televisão. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

VERSUTI, Christiane Delmondes. **Fanpage da Rádio Unesp FM**: convergência e interatividade em prol da cultura e cidadania. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Bauru: Universidade Estadual Paulista Júlio De Mesquita Filho, 2015.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **A programação de rádios públicas brasileiras**. Florianópolis: Insular, 2012.

#### **Sites consultados:**

<http://jornal.usp.br/radio/>

<http://www.radio.unesp.br>